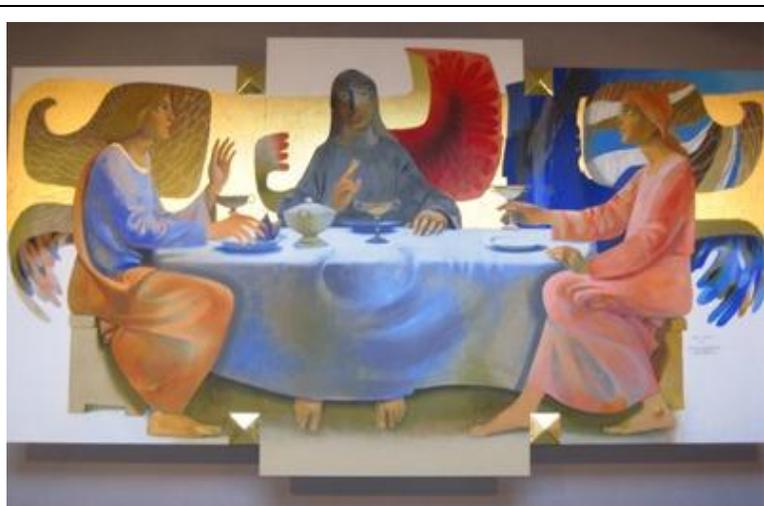


MISSIONÁRIOS COMBONIANOS

Comissão Central da Formação Permanente



INSTRUMENTOS para a ANIMAÇÃO da COMUNIDADE COMBONIANA

Centro de Formação Permanente

ROMA 2012

INSTRUMENTOS para a ANIMAÇÃO da COMUNIDADE COMBONIANA

ÍNDICE

Apresentação do Superior Geral 05

PLANIFICAÇÃO

1. Projeto Comunitário

Presentação e orientações 07

Esquema de elaboração 11

2. Plano Pastoral 18

ANIMAÇÃO

3. Jornada semanal da Comunidade 22

4. Conselho de Comunidade 26

PROMOÇÃO FRATERNA

5. Partilha de Vida 34

6. Encontro de ajuda fraterna 37

PROJETO DE VIDA

7. Projeto Pessoal da Vida 40

Os CP procurem que as comunidades apliquem os instrumentos previstos pela RV para a animação das comunidades: conselho e carta da comunidade, plano pastoral e retiro mensal. A Comissão de FP e/ou o Secretariado da Evangelização proponham modalidades de reelaboração da carta e do plano pastoral. Os CP verificarão a sua atualização durante a visita às comunidades.

APRESENTAÇÃO

*Superiores Provinciais
Coordenadores da F.P.
E Superiores de Comunidade,*

Prezados Confrades,

É com prazer que vos apresento este pequeno manual de «instrumentos» para a animação das nossas comunidades, preparado pela Comissão Central de Formação Permanente com a colaboração dos Coordenadores Provinciais nos recentes Conselhos Continentais de setor (2011).

O Capítulo deu grande ênfase ao papel da formação permanente, considerando inclusive que esta seja «determinante não só para a nossa vida e eficácia apostólica mas também para o futuro do Instituto» (DC 2009, 137) e reforçando quanto afirma a Regra de Vida (100.2), isto é, que o «lugar favorável» para vivê-la é precisamente a comunidade local.

Sem minimizar a responsabilidade pessoal de cada um, parecemos que uma chave para a almejada renovação do nosso Instituto esteja precisamente na revitalização da comunidade local. Uma vida comunitária de «qualidade», que se propõe viver – na lógica do «máximo denominador comum» – os valores da Regra de Vida, é o húmus ou a matriz que pode alimentar o nosso empenho pessoal e estimular-nos nos momentos de fraqueza e cansaço.

Isto não faz senão confirmar a importância do vosso papel de «animadores das comunidades». A Regra de Vida a propósito do «ministério do superior» diz: «*O superior anima a comunidade e cada um dos seus membros na procura da vontade de Deus, na realização da sua consagração missionária e no crescimento da caridade*» (RV 107). Tarefa certamente bastante gravosa. Mas o Senhor que nos confiou este ministério não nos deixa sós e garante-nos o seu espírito de caridade e serviço, de discernimento e fortaleza, de humildade e paciência. Confiemos nele!

Este pequeno manual, oferecido a todos, é especialmente pensado para vós, como instrumento de apoio na vossa tarefa de projetar e animar a vida comunitária.

Ele vos oferece 7 instrumentos:

- **2 de planificação comunitária**, de ajuda na elaboração do Projeto Comunitário e do Plano Pastoral.
- **2 de animação ordinária da comunidade**, com propostas para a organização da Jornada Comunitária Semanal e do Conselho de Comunidade.
- **2 de promoção fraterna** para oferecer iniciativas particulares como a Partilha de Vida e o Encontro de Ajuda Fraterna.
- E por fim uma proposta para a elaboração do **Projeto Pessoal de Vida** de que fala o Capítulo (DC 30.1), que está necessariamente por trás do empenho e vitalidade da comunidade.

Estas propostas, elaboradas com a colaboração dos Coordenadores da Formação Permanente dos diversos continentes e províncias/delegações, deverão ser readaptadas à vossa realidade concreta e serão por certo ulteriormente enriquecidas pela vossa experiência particular. A verdadeira fidelidade exige sempre criatividade. Assim deste esforço comum na diversidade poderá nascer algo novo para melhorar ulteriormente este instrumento.

Caros superiores, confiamo-vos este pequeno manual, com a esperança de que lhe dareis aquela importância que o Conselho Geral quis conferir-lhe, isto é, ser um instrumento útil e precioso de animação, ponto de referência nos anos vindouros para as nossas comunidades, de modo particular para vós. Estamos certos de que será um válido contributo para «construir comunidades entusiastas, capazes de promover o crescimento integral dos seus membros e de ser uma autêntico testemunho para a evangelização», como auspiciado pelo Capítulo (DC 33).

Confiamos à intercessão de Comboni e dos nossos antecessores esta iniciativa e o esforço que fareis para a pôr em prática e torná-la fecunda.

Com todo o apreço,

P. Enrique Sánchez González
Superior Geral

Roma, Fevereiro de 2012

140º aniversário das Regras do Instituto Comboniano de 1872

1. PROJETO COMUNITÁRIO

Apresentação e orientações

O **XVII Capítulo Geral (2009)**, entre os instrumentos de animação comunitária lembra diversas vezes a Carta da Comunidade e o Projeto comunitário (cf. 13.1; 30.2; 40; 140.2; 143.1).

A Carta da comunidade, inicialmente usada sobretudo nas casas de formação, foi proposta a todas as comunidades pelo **Capítulo de 1985**: «Cada comunidade local especifique as suas finalidades descrevendo a sua vida interna e o plano de trabalho na “Carta da Comunidade” que revê em cada ano» (DC 85 nº 83). Desde então, este convite foi renovado, por diversas vezes, pelos nossos Capítulos, como um dos meios mais importantes para promover a vitalidade da comunidade comboniana.

1. O que é a Carta da comunidade?

O P. Manuel Horta oferece uma definição bastante completa num artigo publicado no Boletim que retomamos nesta apresentação (cf. *MCCJ Bulletin*, 149, pp. 6-10):

«Fundamentalmente é um projeto de vida de uma comunidade concreta em que são especificados a identidade, a finalidade e os objetivos da comunidade, a sua vida interna, o seu programa de trabalho e os meios para o atuar, os instrumentos de avaliação etc... com o objetivo de promover a fidelidade e o crescimento da comunidade e de cada um dos seus membros à sua vocação, e de os tornar apostolicamente fecundos».

Por vezes distingue-se entre «Carta da comunidade» e «Projeto comunitário». A Carta teria a característica de uma maior estabilidade (portanto visaria mais os «princípios» e orientações de fundo que regem a vida e a atividade da comunidade), enquanto que o Projeto seria a sua aplicação concreta anual. Por razões práticas e de simplicidade, nós preferimos falar de um documento único (Carta ou Projeto comunitário) onde os elementos estáveis e os mais móveis se entrecruzam e iluminam reciprocamente.

2. Características de uma Carta ou Projeto comunitário

2.1 Unanimidade. Todos os membros da comunidade são chamados a participar ativamente na elaboração da sua Carta/Projeto. A comunidade deveria chegar o mais possível a um certo consenso de pontos de vista, de modo que se possam estabelecer objetivos e metas, estratégias e meios aceites por todos e capazes de mobilizar o esforço e as energias de todos.

2.2 Idealidade. O Projeto comunitário não reflete simplesmente «o que se faz em comunidade», a praxis ou as suas tradições, uma espécie de plataforma de «mínimo denominador comum» dos ideais. O Projeto apresenta um «ideal» em ordem ao qual toda a comunidade se sente mobilizada. Reflete a Regra de Vida aplicada à vida e situação concreta da comunidade. Um Projeto nivelado seria contra-producente; serviria unicamente para justificar a mediocridade.

2.3 Realismo. Mas o Projeto comunitário deve ser, simultaneamente, realista. A idealização exagerada pode levar os membros da comunidade a sentir-se incapazes de o assumir e mais ainda de o viver. O Projeto é realista quando está ao alcance dos membros da comunidade, quando responde às necessidades reais e mais urgentes da comunidade e quando os objetivos permanecem dentro dos limites dos recursos humanos e espirituais disponíveis.

2.4 Consistência. Para poder tornar-se operacional o projeto comunitário deve apresentar objetivos, metas e meios bem definidos, prevendo tempos, agentes e medidas concretas para uma sua periódica revisão e adaptação à realidade da comunidade.

2.5 Abrangência. Uma comunidade não é uma ilha. O seu Projeto insere-se num plano mais vasto da Igreja, do Instituto e da Província, e deve de algum modo explicitar os objetivos destas instâncias superiores. Todavia, não é uma simples reprodução daquele plano mais vasto. Exige simultaneamente fidelidade e criatividade, especificidade e consistência para que seja sentido como projeto da comunidade.

3. Elementos a especificar no Projeto comunitário

3.1 Identidade da comunidade. No Projeto comunitário, com base na sua realidade concreta e na sua finalidade específica, cada comunidade deveria traçar o seu «identikit» (imagem ideal) que permanece como ponto de referência e inspiração para toda a programação. Foi o que procurou fazer o Capítulo de 2009 para todo o Instituto no primeiro documento dos documentos capitulares sobre a identidade (cf. DC nº 5).

3.2 Objetivos e metas. O Projeto é uma procura de um caminho prático para encarnar o ideal proposto pela Regra de Vida na situação concreta em que a comunidade comboniana é chamada a viver a sua missão. Os princípios e objetivos gerais são aqui concretizados através de objetivos particulares ou metas, capazes de inspirar e mobilizar as variadas atividades comunitárias e pessoais.

3.3 Programação. É a distribuição no tempo e no espaço das atividades e iniciativas aptas a alcançar os objetivos e as metas. Ela diz respeito tanto à vida interna da comunidade como às suas atividades. Na programação é preciso ser-se muito específicos e chegar ao O QUÊ? QUEM? COMO? QUANDO?

Concretamente, esta programação deve contemplar:

- Vida comunitária: relações interpessoais, reuniões, encontros, jornada comunitária, conselho de comunidade, serviços e responsabilidades na comunidade, horário, férias, etc.
 - Vida de oração: oração pessoal, oração comunitária (ritmo diário, semanal e mensal), celebrações litúrgicas, retiros, exercícios espirituais, etc.
 - Votos: prática e testemunho dos conselhos evangélicos, dimensão económica...
 - Formação Permanente: iniciativas pessoais, comunitárias, intercomunitárias, provinciais, de Instituto, de Igreja local.
 - Atividades da comunidade missionária: evangelização, formação, animação vocacional e missionária, etc. No projeto comunitário é suficiente incluir as linhas gerais que dizem respeito a estes serviços; os planos mais pormenorizados para estes setores podem ser elaborados separadamente e colocados como anexos..
-

3.4 Avaliação. Sem uma revisão e uma avaliação periódica do Projeto comunitário, há o risco de que os bons propósitos programados e decididos com entusiasmo e boa vontade sejam esquecidos ou fiquem apenas no papel. É importante por isso que no Projeto sejam especificados os tempos e as modalidades da revisão comunitária.

Ainda que a redação da Carta ou Projeto comunitário possa parecer um exercício teórico um pouco complexo, na realidade, para a maioria das nossas comunidades, formadas apenas por duas, três ou quatro pessoas, é bastante simples, quando se acredita nisso.

A experiência ensina-nos que uma boa programação comunitária é garantia de uma vida comunitária mais fraterna e harmoniosa e de um serviço missionário mais fecundo e eficaz.

1. PROJETO COMUNITÁRIO

Esquema de elaboração

NB: Esta proposta de Projeto Comunitário integra num único documento a Carta da Comunidade e o Projeto Anual, tendo como ponto de referência os Documentos Capitulares de 2009 (DC). Obviamente, será necessário ter presente o tipo de comunidade comboniana, o Plano sexenal da Província e a realidade local (Igreja, sociedade e cultura). A comunidade adaptará esta proposta à sua situação concreta, simplificando-a ou enriquecendo-a, conforme as circunstâncias.

Introdução

1. APRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE: A NOSSA IDENTIDADE

(DC 1: «Tomar consciência da necessidade e da urgência de revisitar e redescobrir o dom que trazemos connosco»)

1.1 Descrição e composição da comunidade

(Apresentação da comunidade: algumas referências históricas, tipo de comunidade, serviço missionário que desenvolve, os membros que a compõem e respetivo papel)

1.2 Contexto sociocultural e eclesial

(Breve mas significativa referência ao contexto sociocultural e eclesial em que vive e opera a comunidade)

1.3 O que define e caracteriza a comunidade

(Com possível alusão à Regra de Vida ou aos DC 5 sobre a nossa «identidade professada»; ou então sintetizar o fruto de uma partilha fraterna sobre a «visão ideal» que os confrades têm da sal comunidade...)

1.4 Momentos significativos para a vida da comunidade durante o ano

(Com uma possível alusão ao ano transato, prever os acontecimentos de especial relevo para a vida da comunidade, quer sejam específicos da comunidade ou que dizem respeito à Província, ao Instituto e à Igreja)

1.5 Objetivos prioritários para o presente ano

(Estes objetivos não deveriam ser «muitos», mas dois ou três, tendo presente a programação provincial ou as circunstâncias da vida e crescimento da comunidade)

I parte: Comunidade fraterna de discípulos e missionários (DC 22)

2. ESPIRITUALIDADE – Acolher a vida nova do Espírito

DC 22: «Queremos ser missionários abertos à ação de Deus em nós; missionários que vivem o encontro com o Senhor como discípulos inteiramente consagrados à missão, chamados a viver uma profunda relação afetiva e efetiva com Jesus para ser testemunhas do seu amor...»

- Qual objetivo concreto nos propomos para crescer na nossa espiritualidade missionária comboniana?
 - Oração comunitária diária – dois encontros (RV 52): quais? quando?
 - Disposições sobre o lugar, preparação das celebrações, encarregado...
 - Eucaristia na jornada da comunidade (RV 53.1; DC 27a)
 - Retiro mensal: estabelecer o dia do mês e as modalidades concretas: em comunidade, individualmente, com outras comunidades vizinhas, com a diocese?...
 - Outros momentos particulares: 1ª quinta-feira, tempos de Advento e Quaresma...
 - Exercícios espirituais (DC 37)
-

3. FRATERNIDADE

Construir uma comunidade fraterna

DC 32: «A vida fraterna é um elemento fundamental e indispensável para o nosso crescimento espiritual e o serviço missionário. Para atingir estes objetivos devemos dedicar o tempo e a atenção necessários»

- Qual objetivo concreto nos propomos para crescer na fraternidade?
 - Fixar a jornada semanal da comunidade (cf. RV 39.4) e o que a caracteriza: eucaristia, encontros comunitários, outros sinais de fraternidade...
 - Conselho de comunidade: quando, modalidades, animador, responsável da ata...
 - Como «alcançar uma mais profunda comunhão fraterna» (DC 26): estabelecer momentos, iniciativas e modalidades de partilha de vida (DC 33.1.3) e do exercício da «promoção da correção fraterna» (DC 33.4)
 - Como cultivar «a atenção à pessoa» dos confrades da comunidade (saúde, limites de doença e idade...)
 - Ocasões especiais de fraternidade, festas, aniversários...: orientações e confrade encarregado
 - Momentos de descanso, de convívio, passeios comunitários (DC 33.2): como? quando?
 - Férias, saídas e ausências de comunidade: orientações...
 - Como cultivar a ligação com a província: relação com as comunidades vizinhas, participação nos encontros de zona e provinciais...
 - Como viver a abertura de comunhão com a igreja local: participações nos encontros diocesanos, acolhimento do clero diocesano...
 - Disposições para o acolhimento, encarregado...
 - Orientações, critérios e responsável pela caridade para com os pobres.
 - Relação com os colaboradores e empregados: orientações e responsável.
-

4. FORMAÇÃO PERMANENTE

Fazer da comunidade um «lugar favorável» de FP

DC 137: «A FP é o fundamento da nossa renovação. Ela mostra-se determinante não só para a nossa vida e eficácia apostólica como também para o futuro do Instituto. Só uma comunidade que se coloca num sério itinerário de FP pode atrair, pela sua vitalidade e fecundidade, novas e autênticas vocações»

- Qual objetivo particular nos propomos para a nossa F.P.?
- Como pode a nossa comunidade favorecer a prática pessoal das disciplinas da vida espiritual (projeto pessoal de vida, oração pessoal, direção espiritual...)
- Adoção de «pelo menos meia jornada semanal livre de compromissos de trabalho» (RV 39.4)
- Definir o «plano» de FP da comunidade: momentos de leitura espiritual e de FP, participar nas iniciativas de FP provinciais e da igreja local, iniciativas particulares de FP...
- Como «recuperar a Regra de Vida», segundo o pedido do Capítulo: leitura continuada (DC 31.2)
- Manter uma pequena «biblioteca comunitária» à disposição dos confrades e um lugar de exposição de algumas revistas e jornais escolhidos pela comunidade para a sua atualização
- Cuidar o escaparate de informações da comunidade: encarregado

5. ECONOMIA – Promover a partilha, sobriedade e transparência

DC 149: «As dimensões principais que queremos promover são: partilha fraterna através do FCT, estilo de vida simples e gestão responsável e transparente dos recursos ao serviço da missão e dos mais pobres».

- Qual objetivo concreto nos propomos como comunidade para este ano?
 - Como favorecer a corresponsabilidade económica, a partilha, a sobriedade e a transparência...
 - Como promover um estilo de vida mais simples e sóbrio: iniciativas de renúncia...
 - Planificar o discernimento comunitário sobre as despesas
-

- Programar a gestão comunitária dos projetos
- Prever o balanço mensal pessoal, da comunidade, obras e projetos.

II Parte: Uma comunidade em Missão

NB: Esta parte do Projeto Comunitário apresenta os princípios inspiradores e as orientações de fundo em vista da programação pastoral. Serão retomados no Plano Pastoral, a preparar juntamente com os outros agentes pastorais.

6. PROJETO PASTORAL DA COMUNIDADE

DC 56: «O nosso Instituto nasceu da e para a missão e o comboniano “faz da evangelização a razão da sua vida”» – RV 56.

6.1 Requalificação do nosso serviço missionário

(DC 56.6: «Para poder permanecer fiel ao espírito profético da sua chamada, o nosso Instituto deve renovar e atualizar o seu carisma. É necessário fazer escolhas radicais para alcançar povos marginalizados e ainda não evangelizados, tendo como prioridade o anúncio da Palavra de Deus...»)

- Evidenciar os desafios e urgências na evangelização a nível da nossa paróquia/missão
- Precisar as «escolhas radicais» que podemos fazer ao nosso nível para permanecer mais fiéis ao nosso carisma específico
- Concretizar o convite a evangelizar como «cenáculo de apóstolos» (DC 58.4)

6.2 As nossas prioridades e estratégias pastorais

(DC 59.3: «No contexto do programa de requalificação dos compromissos, seja pedido às comunidades que, na programação anual das suas cartas, determinem as prioridades pastorais e adequem os compromissos ao número e às forças efetivas dos confrades»)

- Objetivos prioritários para este ano pastoral
 - Atenção às situações de «primeira evangelização» presentes no território (DC 56.9)
-

- Distribuição dos encargos e responsabilidades pastorais entre os membros da comunidade (valorizando o papel do irmão onde este está presente)
- Fixar o encontro comunitário para programar e avaliar regularmente as atividades pastorais

7. PROJETO DE ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

DC 179: «A AM deve ser entendida não só como expressão da nossa identidade e do nosso carisma comboniano, mas também como fonte de renovação»

7.1 Renovar a nossa animação missionária

(DC 180: «As transformações na sociedade, na Igreja e no Instituto desafiam-nos a uma profunda renovação no modo de compreender e atuar esta dimensão essencial do nosso carisma»)

- Iniciativas principais a programar (outubro, GMM, festas combonianas...)
- «Jornadas missionárias» na nossa paróquia e na diocese: objetivo, método e colaboração com outros agentes
- Difusão das revistas e material de A.M.: empenho da comunidade
- Empenho da comunidade na promoção do laicado comboniano e o acompanhamento da rede de benfeitores e amigos: organização, iniciativas, encontros, responsáveis...
- Colaboração com o secretariado provincial de A.M. e inserção na igreja local
- Encarregado da A.M. na comunidade

7.2 Promover as vocações

(DC 57.1: «No mundo de hoje as pessoas atribuem mais credibilidade às testemunhas do que aos mestres, ao amor concreto do que às teorias. O testemunho compromete cada missionário e a comunidade que, por sua vez, se torna sinal vivo dos valores do Reino»)

- Criação de um grupo vocacional: organização, encontros, responsável...
 - Momentos de sensibilização da comunidade cristã: GMM, semana das vocações...
 - Oração pelas vocações: iniciativas (1ª quinta-feira do mês...)
-

7.3 Tornar-se comunidade formativa

(DC 77: «Nota-se uma discrepância entre a proposta formativa e a realidade concreta comboniana, onde certos limites nossos – o ativismo e o individualismo apostólico, a fraqueza da vida espiritual, o estilo de vida burguês, etc. – são contratestemunho que compromete seriamente o trabalho formativo»)

- Rever o estilo da nossa comunidade à luz de DC 11.3
- Estar dispostos à colaboração com as casas de formação da província
- Disposições para o acolhimento dos postulantes, noviços ou escolásticos (férias, experiências de comunidade, serviço pastoral...)

Conclusão

8. AVALIAÇÃO

DC 40: «Os conselhos de comunidade são uma ocasião para uma avaliação do projeto comunitário no seu conjunto e da vida de cada um dos membros da comunidade»

- Prever os momentos de avaliação e revisão periódica da programação comunitária

9. ANEXOS

- Horário da comunidade
- Serviços e responsabilidade dos membros da comunidade
- Calendário anual das atividades e compromissos principais da comunidade

Roma, 10.10.2011

P. Manuel João P. Correia

2. PLANO PASTORAL

Esquema de elaboração

O Plano ou Projeto Pastoral deve ser preparado em diálogo com todos os agentes da pastoral que operam no território e tendo em conta as orientações da Igreja local. Para uma ação eficaz, é importante que os objetivos e prioridades do ano pastoral – assim como as principais estratégias de ação para os atingir – sejam claros, conhecidos e partilhados por todos os colaboradores pastorais.

Estamos conscientes de que a realidade pastoral das nossas comunidades é demasiado diferenciada para que este esquema possa refletir a sua complexidade. Oferecemos, apesar de tudo, este subsídio na esperança de ser de ajuda a alguém.

1. INTRODUÇÃO

- Apresentação da Paróquia/Missão/área pastoral: breve panorama histórico, composição, área geográfica, estatísticas...
- Contexto eclesial e sociocultural: breve descrição, salientando urgências, desafios e oportunidades...

2. PRIORIDADES E ESTRATÉGIAS PASTORAIS

(DC 59.3: «No contexto do programa de requalificação dos compromissos, seja pedido às comunidades que, na programação anual das suas cartas, determinem as prioridades pastorais e adequem os compromissos ao número e às forças efetivas dos confrades»)

- Objetivos e prioridades para este ano pastoral (poucos e precisos)
 - Etapas e meios para os atingir: precisando tempos, ações concretas e agentes
 - Atenção às situações de «primeira evangelização» presentes no território (DC 56.9): estabelecer a) os objetivos concretos para o ano pastoral (novas presenças, iniciativas...), b) as estratégias de ação (meios a privilegiar: ação social, primeiro anúncio...) e c) os agentes pastorais de quem valer-se...
-

- Distribuição dos encargos e responsabilidades pastorais (entre os agentes pastorais)
- Fixar os encontros a nível de «comunidade apostólica» para programar e avaliar regularmente as atividades pastorais

3. ACOMPANHAMENTO PASTORAL DAS COMUNIDADES CRISTÃS

(DC 58.3: «A missão implica o estar próximo das gentes, procurando envolver-se afetivamente e efetivamente na sua vida»)

- Centro/sede da paróquia: planificação da assistência sacramental, acompanhamento dos grupos e associações, distribuição das tarefas...
- Postos secundários: estratégias de evangelização, modalidades e periodicidade da celebração dos sacramentos, envolvimento dos diversos agentes pastorais...

4. CATEQUESE E CATECUMENATO

(DC 57.3: A missão «é o anúncio do Reino de Deus manifestado em Jesus Cristo. Exige um processo de inculturação, entendida como reconhecimento dos valores culturais não em contradição com o Evangelho, o esforço de uma linguagem apropriada e um estilo de vida coerente e solidário com as gentes»)

- Duração, organização, etapas (escrutínios) do catecumenato...
- Acompanhamento do catecumenato (coordenador, visitas aos catecúmenos...)
- Escolha de materiais e meios a colocar à disposição dos catequistas...

5. FORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DOS AGENTES PASTORAIS

(DC 58.5: A missão é um serviço ao Evangelho a atuar em comunhão e em colaboração e não de modo individualista. Como Combonianos cooperamos com a Família Comboniana, a Igreja local, os seus agentes pastorais e a sociedade civil: é este o caminho para construir uma verdadeira Igreja apostólica»)

- Conselho pastoral paroquial e comité de comunidade (renovação e formação dos comités, orientações estatutárias sobre a organização e periodicidade dos encontros...)
- Catequistas: encontros de formação e programação, objetivos para o ano da catequese, responsável para o seu acompanhamento...
- Formação dos líderes: quais grupos e pessoas privilegiar, com quais iniciativas e meios...
- Coordenação do serviço pastoral: relação com a igreja local e os outros agentes pastorais presentes no território

6. PASTORAL ESPECIALIZADA

(DC 58.1: «A missão ensina. É a missão que nos mostra o modo e os meios necessários de uma renovação real. Ela diz-nos como ser missionários e convida-nos a uma atitude humilde e constante de escuta das necessidades dos povos»)

- Comunidade Eclesial de Base (CEB): orientações
- Pastoral familiar: iniciativas para a preparação para o matrimónio e o acompanhamento dos casais, responsável, colaboradores...
- Atenção à pastoral nas escolas: presença religiosa, acompanhamento espiritual dos professores...
- Pastoral dos jovens: iniciativas, encarregado, colaboradores

7. JPIC E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

(DC 186: «O empenho por JPIC é assumido como elemento constitutivo do anúncio evangélico e da AM e estimula-nos a um testemunho pessoal coerente e a um estilo de vida sóbrio, colaborando com quem está já empenhado neste campo»; DC 58.8: «Diálogo interreligioso e ecuménico. A capacidade de diálogo é uma das grandes urgências no nosso mundo cada vez mais complexo e pluralista»)

- Passos a dar para construir ou revigorar a comissão paroquial de JPIC
 - Possíveis iniciativas de sensibilização da comunidade cristã
 - Escolha de um confrade responsável
 - Como cultivar «a preocupação pelos últimos» (DC 56.9): quais grupos e qual ação...
 - Estabelecer e concretizar algumas iniciativas de diálogo interreligioso e ecuménico durante o ano pastoral
 - Como acolher o desafio do islão e das seitas?
-

8. PASTORAL VOCACIONAL E ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

(DC 183: «Como parte integrante do nosso carisma, a AM tem o objetivo de sensibilizar as Igrejas locais para a sua responsabilidade de anunciar a mensagem de Cristo para além das suas fronteiras»)

- Criação de um grupo vocacional: organização, encontros, responsável...
- Sensibilização vocacional: oração, semana das vocações...
- Criação de um grupo missionário: organização, encontros, responsável...
- Iniciativas de animação missionária: outubro, GMM, «jornada missionária»...
- Difusão de material de animação missionária

9. PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO

(DC 58.2: «É necessário que operemos de modo a permitir à Igreja local continuar a sua missão mesmo depois da nossa retirada. Isto impõe-nos colaborar na construção de uma Igreja local capaz de autossuficiência e autonomia ministerial e material, investindo em estruturas e projetos pastorais que possam sustentar-se mesmo depois da nossa partida»)

- Programação dos projetos a promover: prioridades para o ano pastoral...
- Acompanhamento dos projetos em curso: responsável (valorizando a figura do Irmão onde este está presente), situação, intervenções a fazer...
- Orientações para o envolvimento das gentes e da igreja local

10. CONCLUSÃO

- Momentos de avaliação e de revisão periódica do Plano Pastoral
- Anexos: calendário pastoral do ano; lista das comunidades, grupos, associações, agentes pastorais...

Roma, 10.10.2011

P. Manuel João P. Correia

3. JORNADA SEMANAL DA COMUNIDADE

Um dia para «relatar» a missão...

1. A necessidade crescente da «jornada da comunidade»

A «jornada da comunidade» tornou-se uma **prática bastante comum** em muitas províncias e comunidades combonianas, depois do Capítulo de 1969. A Regra de Vida (RV) não a refere explicitamente, mas estabelece que «uma vez por semana» se celebre a eucaristia com «uma particular solenidade», «com o objetivo de reforçar os laços de fraternidade e de exprimir a alegria do viver juntos no Senhor» (53.1), uma prática já auspiciada pelos DC de 1975 (p. 54).

Todos os dias devem ser para nós «jornadas comunitárias» mas a «dispersão» exigida pela multiplicidade e diversidade de compromissos pode levar por vezes a descuidar a vida comum e a comprometer o «espírito comunitário». O binómio ativismo-individualismo é um problema que, infelizmente, mina muitas vezes a solidez das nossas comunidades. O objetivo principal desta «jornada» é pois o de cultivar de modo particular o **valor da vida comunitária** e, mais especificamente, a sua renovação espiritual e apostólica.

Reservar semanalmente uma jornada particular, livre de compromissos de trabalho, para se reunir como «comunidade fraterna de discípulos e missionários» (DC 22) é **direito e necessidade**. Como os Doze que se reúnem alegres à volta do Mestre para «relatar» a missão: «Os apóstolos reuniram-se à volta de Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado. E ele disse-lhes: “Vinde, retirem-nos para um lugar deserto e descansai um pouco”» (Mc 6, 30-31).

A **necessidade e a urgência** de qualificar a vida comunitária e de renovar-nos foi desde sempre sublinhada pelos nossos Capítulos, muitas vezes em termos muito semelhantes (quer no diagnóstico dos problemas quer nos remédios propostos!), sinal de que os passos em frente, a existirem, seriam quase impercetíveis. De facto, há uma discrepância notável entre «o ideal» proposto pela RV e pelos «discursos» dos nossos documentos, frequentemente «voando alto», e a realidade concreta das nossas comunidades, muitas vezes movendo-

se terra a terra, segundo uma lógica do «mínimo denominador comum» dos valores.

A «jornada da comunidade» pretenderia não apenas aprofundar as nossas relações interpessoais mas também estimular a nossa **formação permanente**, que o Capítulo de 2009 definiu «o fundamento da nossa renovação..., determinante não apenas para a nossa vida e eficácia apostólica mas também para o futuro do Instituto» (DC 2009 nº 137). Com efeito, a comunidade local é o «lugar favorável» da FP, como repetem muitas vezes os nossos documentos (veja-se RV 100.2; Ratio nº 530; DC 2009, nº 140.2).

Uma comunidade que se proponha viver de um modo criativo a «jornada da comunidade» pode achar esta iniciativa uma verdadeira **força de renovação**, um espaço semanal para «recarregar-se» em todos os sentidos.

2. Objetivo principal da «jornada da comunidade»: a partilha de vida

Um qualificativo essencial da «jornada da comunidade» é a **partilha de vida**. A necessidade foi particularmente sublinhada pelo Capítulo de 2009. A nossa partilha espiritual é, infelizmente, bastante pobre e superficial. Temos de admitir que muitas comunidades e grupos de leigos cristãos empenhados num caminho de fé poderiam ser-nos de exemplo neste âmbito. Por um estranho sentido de pudor espiritual ou um presumível respeito pela privacidade de cada um, as nossas comunidades parecem incapazes de chegar a uma comunhão verdadeira, tornando-se simples comunidades de trabalho. As relações interpessoais podem ser cordiais mas permanecem frequentemente superficiais. A formalidade prevalece sobre a amizade. Mas, sobretudo, falta a confiança necessária para partilhar a um nível mais profundo a própria vida.

Por isso o Capítulo afirma: «*Sentimos o desejo de superar a tendência a considerar a espiritualidade como um facto exclusivamente pessoal, para **favorecer uma partilha da vida interior** que nos permita alcançar uma mais profunda comunhão fraterna. Obteremos isso na medida em que aceitarmos colocar a ação do Espírito no centro das nossas prioridades, propondo-nos considerar a nossa vida numa ótica de fé*» (DC 2003, nº 26).

A «jornada da comunidade», bem gerida, pode favorecer e qualificar a nossa partilha fraterna, fazendo-a passar do nível da cabeça (partilha de ideias) para o do coração (partilha de vida e sentimentos).

3. Como organizar a «jornada da comunidade»

A primeira coisa a fazer é **fixar o dia** da semana. É preciso que a própria comunidade estabeleça no seu projeto comunitário qual dia reservar como «jornada da comunidade». Isso depende dos compromissos dos seus membros. Nem sempre é fácil encontrar um dia «livre», que seja viável para todos. O ótimo porém é inimigo do bom. Será necessário adaptar-nos à realidade concreta. Muitas comunidades apostólicas escolhem a segunda-feira, menos carregada de compromissos depois do apostolado do domingo. Outras tendem a privilegiar a sexta-feira, na medida em que é um dia ligado ao nosso carisma. Outras, o sábado, se há compromissos de ordem escolar ou profissional... O importante é que esta jornada, uma vez fixada, seja respeitada por todos.

A jornada comunitária não é – pelo menos habitualmente – para passar toda ela juntos. Ela poderia limitar-se a meio dia semanal (pessoal) livre de compromissos de trabalho (RV 38.4). Mas seria oportuno que fosse **marcada pela eucaristia semanal** – como seu momento culminante –, a celebrar com «uma particular solenidade» (RV 53.1) dando espaço à partilha de vida.

Algumas comunidades têm o hábito de unir às 4 jornadas comunitárias do mês alguns **encontros comunitários particulares**. Por exemplo: 1ª) o encontro de programação mensal; 2ª) o encontro de formação permanente; 3ª) o conselho de comunidade; 4ª) o retiro mensal...

Como organizar concretamente a «jornada da comunidade»? Não temos que a considerar como uma realidade estereotipada e formal, ou seja, a repetição da mesma fórmula todas as semanas. Ela pode ser conduzida numa **variedade de modos**. Além disso, não deveria ser demasiado densa e cansativa, e sobretudo jamais... aborrecida! Eis aqui algumas iniciativas que podem fazer parte da «jornada da comunidade»:

- a **celebração da Eucaristia** bem animada, com amplo espaço concedido à partilha;
-

- a **celebração da Palavra** (Lectio) com partilha fraterna, ou um outro tipo de celebração (como a penitencial, nos tempos fortes);
- a **adoração eucarística** em que a comunidade reza unida, por exemplo pelas vocações;
- o **retiro mensal** bem preparado e com um tema escolhido pelos confrades;
- o **conselho de comunidade** (ordinário ou extraordinário de FP ou outro); uma iniciativa ou encontro de FP;
- o **encontro de programação** comunitária e pastoral;
- o encontro com as comunidades vizinhas (**encontro zonal**);
- um **passeio** comunitário...

Programada com alguma **criatividade**, respeitada por todos os seus membros, a «jornada semanal da comunidade» pode tornar-se um verdadeiro «fôlego» para a vida comunitária, um «dia feito pelo Senhor» (SI 118,24), em que chegamos a saborear a alegria de viver juntos entre irmãos (SI 133,1).

P. Manuel João P. Correia
Roma, 10.10.2011

4. CONSELHO DE COMUNIDADE

Espelho de uma comunidade missionária...

1. INTRODUÇÃO

O Conselho de Comunidade (CC) tornou-se já uma **tradição** no nosso Instituto, um instrumento privilegiado para a animação e a organização da vida comunitária. Dele depende, em grande parte, o bom andamento da comunidade, na sua dupla dimensão de vida fraterna e de serviço apostólico. Poderia dizer-se inclusivamente que o CC se torna o «espelho» da comunidade. A fidelidade ao CC e a qualidade do seu envolvimento oferecem uma boa garantia sobre a vida fraterna e o dinamismo apostólico da comunidade.

O CC de certo modo é uma aplicação da **exigência eclesial** relativa ao exercício da autoridade na vida religiosa, segundo o Direito Canónico: «...Os superiores tenham um conselho permanente constituído nos termos da norma do típico ou dos estatutos, de cuja ação se valham no exercício do seu ofício» (CIC 422.1; veja-se também CIC 627 e PC 14).

2. UM POUCO DE HISTÓRIA

2.1 O «**Conselho de Família**» (um outro nome para a mesma realidade) é um dos frutos do processo de renovação (conciliar) atuado pelo Capítulo Especial de 1969: «Para manter vivo o sentido da comunidade e torná-lo operante, serão úteis as frequentes reuniões do Conselho de Família: quer ordinárias, para informações, debates e propostas; quer extraordinárias, sempre que necessário. O Superior, por isso, reunirá periodicamente a comunidade, para estudar com ela os vários problemas que lhe dizem respeito e encontrar comunitariamente as soluções convenientes. Naturalmente isso não impede – sobretudo nas comunidades mais numerosas – a constituição também de um conselho mais restrito para as coisas de ordinária administração. Também dessas, porém, a comunidade deve ser informada» (Documentos Capitulares de 1969, p. 107).

Tratando, em seguida, do regime da comunidade local, os **documentos de 1969** oferecem amplas e concretas orientações para a organização do «Conselho de Família» (veja-se pp. 479-483): «No clima de diálogo e no espírito de corresponsabilidade religioso-apostólica, é necessário que toda a família participe no Conselho local, pelo menos no tocante ao andamento da casa e aos problemas de interesse comum... Eles devem ter lugar regularmente e com uma certa frequência. Evite-se porém cair no formalismo» (p. 479).

Tais orientações são retomadas numa carta do Conselho Geral sobre a Vida Comunitária (10.10.1970) que sublinha: «Para não reduzir os nossos Conselhos de Família a conversas inúteis, será necessário encontrar também uma certa metodologia...» (Boletim da Congregação, nº 92 [1970], p. 10).

2.2 O CC passou para a **Regra de Vida** (RV) como instrumento jurídico de apoio ao governo da comunidade religiosa comboniana: «A verdadeira fraternidade não se pode construir sem frequentes encontros. Cada comunidade reúne-se regularmente para o conselho de comunidade...» (RV 39.2). No nº 111, a RV define e dá orientações concretas para o seu desenvolvimento.

O Diretório de cada Província, além disso, deveria precisar «a competência, a frequência e a modalidade» do CC (RV 111.5).

2.3 Os nossos **Capítulos** Gerais têm continuado a sublinhar o valor da vida comunitária. Em alguns encontramos referências ao CC.

O **Capítulo de 1975** reafirma as orientações dadas pelos DC de 1969, «como caminho que nos é oferecido pelo Espírito para uma contínua renovação» (p. 48). Constata os benefícios trazidos pelo «Conselho de Família» (p. 47), propõe o seu melhoramento na programação capitular (p. 125) e oferece novas motivações, exortações e orientações (pp. 57-59), que conservam ainda hoje a sua validade. Põe em relevo especialmente a dimensão do «diálogo fraterno» e diz que o facto de a maioria das comunidades serem formadas apenas por dois ou três membros «não deve constituir um argumento para descurar o Conselho de Família, a favor do simples diálogo informal» (p. 58). Além disso, põe o Conselho em ligação com a «comunidade apostólica» («O regular diálogo desejado pelo Conselho de Família, será além disso alargado, no que diz respeito aos problemas pastorais, à comunidade

apostólica», p. 58) e com as comunidades combonianas vizinhas («encontros zonais», p. 58).

O **Capítulo de 1985** evidencia a necessidade de qualificar o CC: «O CC torne-se uma ocasião de formação permanente, especialmente de discernimento e de verificação, e não apenas um encontro para programar as atividades» (DC 1985, nº 29).

O último **Capítulo de 2009** pediu que os conselhos provinciais providenciem «a que as comunidades apliquem os instrumentos previstos pela RV para a animação das comunidades» e entre estes, em primeiro lugar, o CC (cf. DC 2009, nº 13.1).

3. OBJETIVO DO CONSELHO DE COMUNIDADE

Segundo a RV, «o conselho de comunidade é o encontro de todos os membros para procurar o bem comum, promover a comunhão fraterna, planificar e verificar as atividades e participar em todas as decisões importantes da comunidade» (RV 111).

Segundo esta «definição» da RV, o CC não é uma simples reunião imposta pela necessidade de chegar a um acordo sobre algumas decisões a tomar mas, acima de tudo, um encontro, uma experiência e **exercício de fraternidade** para promover a comunhão. O CC torna-se assim uma «escola» de fraternidade: de escuta paciente, de respeito pela diversidade, de controlo da própria emotividade, de valorização das diferenças, de acolhimento do outro... O CC, obviamente, deve ter presente a diversidade das pessoas que a compõem, do papel e do serviço que desenvolvem, da situação pessoal que vivem.

Objetivo do CC é a procura da vontade de Deus: «O conselho de comunidade é o momento ordinário em que a comunidade (...) procura a vontade de Deus através do **discernimento** comunitário» (RV 111.1). Algumas das temáticas concretas que o CC é chamado a enfrentar são especificadas pela RV 111.2: «rever o estilo de vida, os compromissos e a forma como foram atuados». Veja-se também RV 29.2; 31.5; 39.2; 174.

Para viver o CC como exercício de fraternidade e procura da vontade de Deus, são requeridas uma série de **atitudes**. Eis como o P. Carmelo Casile apresenta as exigências para uma participação ativa e responsável no CC (veja-se subsídio «*Il Consiglio di Comunità. Un mezzo per diventare persone comunitarie*», Roma, 2000, p. 8):

- * **Fala francamente** – a reunião é tua. Diz o que pensas. As tuas ideias sobre o assunto têm o mesmo valor que as dos outros. «Ninguém é tão pobre que não tenha nada a dar e ninguém é tão rico que não tenha nada a receber».
- * **Escuta com atenção** o que os outros dizem – esforça-te por compreender a opinião dos outros; procura as razões que apresentam para sustentar as suas afirmações, sobretudo se têm uma opinião contrária.
- * **Evita interromper** quem está a falar – espera que os outros terminem o seu pensamento. Faz as tuas observações no momento oportuno.
- * **Evita monopolizar** o diálogo – diz o que é necessário, deixando de parte as discussões inúteis e as divagações: deixa espaço aos outros.
- * **Se não estás de acordo** em alguma coisa, di-lo: com naturalidade e bom humor, não para sobressair, nem movido pela agressividade ou pela polémica.
- * **Evita alhear-te** da reunião – participa com interesse. Faz perguntas. Oferece material. Dá elementos da tua experiência. Mantém uma atitude construtiva.

O CC é também um **órgão jurídico** de apoio ao superior no governo da comunidade. Por isso deve ter em conta a diversa gravidade dos assuntos a tratar. Assim, «em assuntos importantes mencionados no diretório provincial, o superior precisa do consenso da maioria do conselho de comunidade, antes de poder atuar» (RV 111.2). Outras decisões pelo contrário requerem somente o voto consultivo.

4. ORGANIZAÇÃO DO CONSELHO DE COMUNIDADE

A **importância** do CC para a vitalidade fraterna e fecundidade ministerial de uma comunidade convida-nos a apreciar mais esta prática e a não deixá-la à improvisação. Vejamos algumas orientações e requisitos que podem contribuir para o seu bom desenvolvimento.

A RV não precisa a **periodicidade** do CC, deixando essa tarefa aos diretórios provinciais (RV 111.5). Fala-se simplesmente da exigência que seja convocado «regularmente» (RV 39.2; 111.2). A regularidade assegura a continuidade. A «tradição» criada pela praxis orientanos para um ritmo mínimo de uma vez por mês. De qualquer modo, esta

periodicidade deve ser estabelecida na Carta ou Projeto da Comunidade, possivelmente precisando o dia exato da semana e do mês.

O CC deve ter uma certa **oficialidade** (sem por isso cair no formalismo!) para o distinguir de outros encontros mais frequentes de programação ou dos momentos (informais) para decidir sobre alguma matéria pontual e urgente. Esta oficialidade contribui para garantir uma preparação mais refletida e sistemática, dando aos confrades tempo para estudar os pontos da agenda, e fazer com que a comunidade possa deter-se sobre os assuntos com uma atitude de verdadeiro discernimento.

Convém que a **agenda** do CC seja exposta alguns dias antes para que todos os membros da comunidade possam tomar conhecimento dela, refletir sobre os assuntos e, eventualmente, propor outros.

A oficialidade exige a **ata** do CC (RV 111.2), preparada por um secretário, a ler e aprovar no início do CC seguinte.

A agenda e a ata devem ter em conta a **confidencialidade** de certos temas. Por prudência, não se deveriam transcrever na ata aspetos confidenciais da partilha sobre a vida pessoal. O mesmo se diga da exposição pública da agenda e da ata do CC. As circunstâncias dirão se seja caso de não expô-los mas dar em vez disso uma cópia pessoal a cada confrade.

O papel do **moderador** é importante para o bom andamento do CC. Normalmente, é o superior que o convoca e a ele preside, mas pode delegar num outro membro da comunidade (especialmente no caso de uma comunidade mais numerosa).

É essencial que cada membro possa expressar-se livremente e que se seja ouvido fraternalmente. Por isso é preciso haver tempo suficiente para tratar os assuntos propostos. A **duração** do CC poderia ser normalmente de uma hora e meia, duas horas no máximo. Em casos extraordinários, é melhor prever duas sessões do CC, ou fazer uma pausa.

O CC deveria conservar a sua característica de ocasião privilegiada de **discernimento** comunitário. Por isso, seria oportuno programá-lo em alternância a outros encontros de «ordinária administração» que não exigem um discernimento particular. Isso permite libertar o CC da pressão de «muitos» assuntos a tratar. Um CC demasiado carregado arrisca-se facilmente a sobrevoar os assuntos e não conceder tempo

necessário a um verdadeiro discernimento. O ideal poderia ser ter um breve encontro semanal para a programação ordinária, possivelmente o «dia da comunidade», reservando para o CC os temas ou assuntos importantes a debater.

O CC é um **momento qualificado de vida comunitária**. Portanto poderia programar-se de modo que aconteça na chamada «jornada da comunidade». Vai ganhando terreno, em algumas comunidades, a tradição de unir à jornada semanal reservada à comunidade alguns encontros particulares: 1) a programação mensal; 2) o encontro de formação permanente; 3) o CC; 4) o retiro mensal...

A **pequena comunidade**, formada por dois ou três confrades, poderia considerar não necessário o CC, entregando-se antes à informalidade, decidindo e programando assim a sua vida talvez à volta da mesa depois das refeições... Mas a experiência ensina que sem um verdadeiro e regular CC, e portanto feito com um certo grau de formalidade, alguns temas nunca se enfrentam e dificilmente haverá um discernimento sobre os problemas.

Nas **grandes comunidades**, pelo contrário, pode ser útil haver um «conselho restrito» segundo o que diz a RV 111.4: «As comunidades numerosas, além de terem os regulares encontros do conselho, podem eleger um conselho restrito formado por poucos membros, com competências e funções bem determinadas».

Também nas **casas de formação** (inclusive noviciados) é aconselhável que a comunidade religiosa tenha o seu próprio CC, além do da comunidade do noviciado.

5. MODALIDADE ORDINÁRIA DO CC

Há **diversas modalidades** para organizar o CC, segundo o tipo de assuntos a tratar ou o objetivo a atingir. Variar pode também ajudar e torná-lo mais frutuoso.

Apresentamos aqui uma **modalidade ordinária** de CC, que procura integrar os diversos elementos, a adaptar segundo as circunstâncias, obviamente. Como premissa, diremos que é oportuno que o CC tenha dois momentos centrais: o primeiro, que garanta um espaço de partilha fraterna (sobre um tema de formação permanente ou um aspeto da vida e serviço da comunidade); o segundo, para a discussão sobre assuntos práticos (em agenda) que exijam um tempo mais prolongado para partilhar as opiniões e sugestões de todos.

5.1 Oração de abertura

Preparada (antecipadamente) e feita por um membro da comunidade.

5.2 Momento de formação permanente (FP)

O tema de FP seria apresentado por um membro da comunidade e eventualmente aberto ao diálogo. Poderia ser uma referência a um documento ou acontecimento da Igreja, do Instituto ou da Província...

Este primeiro momento do CC não deveria ser excessivamente longo, a menos que se trate de um CC de FP ou de partilha fraterna.

5.3 Leitura da ata do CC precedente

A aprovar, depois das eventuais observações.

5.4 Agenda do CC

Apresentada pelo superior ou pelo moderador. Os membros da comunidade podem acrescentar, eventualmente, outros pontos à agenda. Esta deveria cobrir, em linhas gerais, as seguintes áreas:

a) Temas importantes a analisar

Trata-se dos assuntos que exigem maior discernimento. Estes podem emergir da vida e do serviço da comunidade ou ser solicitados pela vida da Igreja/Instituto/Província...

b) Balanço económico mensal

Apresentado pelo ecónomo.

c) Outros pontos

Informações e decisões de ordem administrativa.

5.5 Calendário do mês

Programa das atividades e dos acontecimentos particulares da comunidade e de cada membro para o mês seguinte (informações)

5.6 Conclusão

Recordar ou estabelecer a data do próximo CC para concluir com a oração final.

6. MODALIDADES EXTRAORDINÁRIAS DO CC

Seria oportuno **variar a modalidade** de realização do CC, especialmente quando se propõem objetivos mais específicos. Nestes casos é bom deixar outros eventuais pontos para um outro CC ou encontro comunitário, de modo a poder introduzir bem a temática e conceder o tempo necessário ao objetivo prefixado.

Eis algumas modalidades particulares de CC:

- Um encontro específico de **formação permanente** sobre um tema particular, proposto a nível de Instituto/Província/Igreja... (veja-se por exemplo o «tema anual de espiritualidade» proposto pelo Capítulo de 2009...);
- Uma sessão especial para fazer um **discernimento** sobre uma questão, um tema, um desafio importante que a comunidade deve enfrentar;
- A **programação** anual ou a **revisão** (global ou parcial) da vida da comunidade;
- Um CC de **partilha fraterna** para uma comunicação de vida, um diálogo de enriquecimento espiritual recíproco, ou a correção/promoção fraterna (proposta particularmente para o Advento e a Quaresma).

NB: No caso de bloqueios no diálogo entre os membros da comunidade ou quando há confrades que pelo tipo de formação ou de temperamento têm dificuldade em abrir-se, será necessário proceder com **gradualidade**, com paciência e discrição. A partilha de vida torna-se difícil nestes casos, mas é sempre possível um tipo de partilha menos envolvente, como aquela à volta de um tema da FP.

A **criatividade** é um elemento importante para manter viva a atenção e o interesse da comunidade, e para... respeitar a vida que é sempre NOVA!...

P. Manuel João P. Correia

Roma, 10.10.2011

5. PARTILHA DE VIDA

Para um verdadeiro crescimento em fraternidade

Das orientações práticas e escolhas operativas – a nível comunitário – do Capítulo Geral de 2009:

«Sustentar uma vida comunitária que seja lugar de crescimento pessoal e apostólico reforçando a nossa identidade de «homens de comunhão». As comunidades favoreçam e cultivem momentos de escuta recíproca e partilha, procurando modalidades quotidianas que ajudem a criar um clima de família e um sentido de pertença. Planifiquem, além disso, na sua carta da comunidade, o exercício da promoção e correção fraterna» (DC 2009, 143 e 143.1)

Como frequentemente acontece, à clareza dos nossos documentos não corresponde a praxis na vida diária, mas o valor do documento permanece enquanto direção rumo à qual somos chamados a agir em fidelidade ao que o Senhor nos pede através do discernimento privilegiado que se opera num capítulo geral.

Falando da importância das comunicações de vida proponho um texto dos *Promessi Sposi* citado por Isingrini¹ onde descreve o encontro entre o protagonista, Renzo, de regresso à sua terra natal, e o seu amigo.

«Sentaram-se juntos à mesa, agradecendo-se mutuamente, um pela visita, o outro pela receção. E, depois de uma ausência de talvez dois anos, acharam-se de repente muito mais amigos do que alguma vez se imaginaram ser no tempo em que se viam quase todos os dias...Contou também ele ao amigo as suas vicissitudes, e teve em troca mil histórias, da passagem do exército, da peste, dos untiores, de prodígios. “São coisas violentas”, disse o amigo, acompanhando Renzo a uma sala que o contágio tinha tornado desabitada; “coisas que nunca me passaria pela cabeça que pudesse ver; capazes de arrancar a alegria para sempre; mas, falar disso entre amigos, é um alívio”».

Até as experiências mais dolorosas quando podem ser partilhadas com amigos ou irmãos unidos pela mesma fé e mesma vocação encontram um alívio!

«A comunhão nasce precisamente da partilha dos bens do Espírito, uma partilha da fé e na fé, onde o vínculo de fraternidade é tanto mais forte quanto mais central e vital é aquilo que se põe em comum»².

A comunicação de vida faz referência ao vivido da pessoa e não a reflexões ou teorias que, embora interessantes, não contam a experiência de vida do indivíduo. Para nós essa alimenta-se de duas dimensões ou âmbitos do nosso vivido:

- 1) o que se vive e se sente, em particular na vida comunitária e no ministério;
- 2) a experiência pessoal de Deus, isto é, como o Senhor se faz presente no nosso viver quotidiano.

Como se pode ver, os dois âmbitos estão estreitamente ligados, o nosso Deus caminha connosco, mas pode ser útil ter presente ambas as dimensões, sendo a primeira mais caracterizada pelos factos e pela ressonância que eles suscitam em nós e a segunda pela nossa reflexão sobre o vivido para descobrir aí a presença do Senhor.

Na vida das nossas comunidades é vital programar momentos e espaços para uma comunicação de vida entre os seus membros.

Uma ocasião muito propícia pode ser durante a jornada do retiro mensal, como também durante a programação comunitária do ano e na ocasião da revisão do ano.

É útil oferecer perguntas que possam ajudar a essa comunicação a que normalmente não estamos habituados.

Eis algumas possíveis perguntas a adaptar à situação de cada comunidade:

- 1) Neste período (pode ser referido ao mês findo, ou ao ano, ou...) como me senti e como me sinto agora...
 - a. na relação com os confrades de comunidade?
 - b. No papel que tenho no seio da comunidade?
 - c. No ministério que desenvolvo?
-

- 2) Como captei a presença de Deus durante este período?
- 3) Qual foi a minha experiência de oração?
- 4) Naquilo que vivi, o que é que mais me alimenta na minha identidade de comboniano?

As pessoas que não estão habituadas a este tipo de comunicação sentirão dificuldade e resistência, mas se não se inicia e persevera, nunca haverá uma mudança.

Ao introduzir tal exercício, além de motivar sobre a sua importância para a vida da comunidade, não é perda de tempo insistir em que o objetivo é falar do vivido pessoal e não de teorias ou «intelectualizações».

Quando na comunidade há pelo menos uma pessoa que começa a comunicar a este nível, ajudará os outros a caminhar em tal direção. O exemplo de alguém, neste caso é determinante.

O acolhimento atento e o profundo respeito por aquilo que o outro comunica são fundamentais para o bom êxito de tal exercício.

Uma última consideração: uma verdadeira comunicação de vida não se pode improvisar, é fruto de uma atenta reflexão sobre o vivido, na escuta da ressonância que esse suscitou em nós e na contemplação orante do agir de Deus no quotidiano da nossa vida. Por esta razão deve haver sempre uma adequada preparação da parte de cada um para que tal partilha seja uma oportunidade de crescimento para todos.

1 V. Isingrini, op. cit., p. 72.

2 La vita in fraternità, n. 32.

6. ENCONTRO DE AJUDA FRATERNA

Para crescer na comunhão fraterna

«A promoção da correção fraterna e a reconciliação com Deus e com os irmãos num clima celebrativo, sobretudo nos tempos fortes do ano litúrgico, são meios ideais para valorizar e fazer crescer a nossa vida comunitária» (DC '09, 33.4).

O capítulo retoma a importância da correção / promoção fraterna também no 143.1: «As comunidades favoreçam e cultivem momentos de escuta recíproca e partilha, procurando modalidades quotidianas que ajudem a criar um clima de família e um sentido de pertença. Planifiquem, além disso, na sua carta da comunidade, o exercício da promoção e correção fraterna».

Na vida das nossas comunidades constatamos como seja difícil a prática de tal exercício. Há o receio de que se possa chegar a uma comunicação agressiva que em vez de ajudar a crescer em fraternidade, provoque ulteriores conflitos e feridas.

A dinâmica que proponho prevê dois momentos: o 1º em que cada confrade poderá dar-se a conhecer em aspetos de si que dificilmente comunicamos entre nós; o 2º momento sublinha mais a promoção do que a correção fraterna no feed-back que os confrades comunicam a quem falou de si, para vencer as resistências que se respiram entre nós por tal exercício.

Eis a descrição da dinâmica:

1º momento: um membro da comunidade fala de si mesmo aos confrades de comunidade, seguindo esta possível sequência:

- As atividades que mais me agradam e as que mais me pesam.
 - O meu temperamento: considero-me introvertido ou extrovertido, passivo ou ativo, emotivo ou pouco emotivo; mais propenso ao trabalho ou a estar com os outros; perfeccionista ou não perfeccionista...
 - As qualidades e limites que penso ter.
 - Aquilo que mais aprecio e aquilo que mais me aborrece na relação com os outros.
-

- As minhas maiores preocupações.
- O momento existencial que estou a viver.
- Como me sinto em comunidade e no ministério.

NB: O nível da comunicação deste primeiro momento deve ser uma livre opção da pessoa. O importante é que se comunique a nível pessoal evitando fazer intelectualizações, na certeza de que uma comunicação pessoal e profunda motiva os ouvintes a comunicar ao mesmo nível de profundidade.

2º momento: depois de ter escutado a comunicação do confrade os outros membros da comunidade comunicam-lhe o seu feed-back como expressão da sua promoção fraterna:

- A minha ressonância à tua comunicação (aquilo que o confrade disse no primeiro momento).
- As qualidades e potencialidades que eu vejo em ti:...
- O que mais aprecio na tua pessoa.
- Vejo na tua atitude estes valores:...
- Penso que a nossa comunidade é ajudada por ti nestes aspetos:...
- Na relação contigo sinto-me... porque...
- Senti-me / sinto-me ajudado por ti... porque...
- Penso que te poderia ajudar a dar uma maior atenção a estes aspetos da tua personalidade...
- O que gostaria de dizer-te em conclusão desta minha comunicação...

Uma comunicação ao nível proposto por esta dinâmica comunitária, quando é assumido livremente por cada pessoa e pela comunidade na sua totalidade, converte-se numa oportunidade de crescimento do indivíduo e da comunidade.

Algumas observações para o bom uso desta dinâmica:

- 1) Quando usá-la?** Quando a comunidade vive em um clima bastante sereno, sem conflitos profundos.
 - 2) Quem a propõe?** O superior de comunidade ou um outro membro da comunidade. O importante é que seja apresentada num conselho de comunidade, motivando sobre o seu objetivo.
-

- 3) **Condição indispensável** para que seja de utilidade à comunidade é que tal iniciativa seja acolhida livremente por todos os membros. Com tal objetivo pode ser útil dar um tempo após a apresentação, por exemplo uma semana, para que cada um reflita sobre a proposta de realizar uma tal dinâmica e depois tomar a decisão em conjunto.
- 4) **Tal dinâmica pode-se usar uma ou duas vezes** ao ano, o advento e a Quaresma podem ser a ocasião propícia.
- 5) **Como usar o esquema?** Parece-nos útil que se mantenham os dois momentos, o 1º em que a pessoa se expõe falando de si e o 2º em que pode escutar o feed-back que os confrades partilham com ele. Os elementos propostos para os dois momentos podem ser modificados para adaptá-los melhor à realidade da comunidade.
- 6) **Os dois momentos** podem ser realizados no mesmo encontro, ou em dois encontros separados.
- 7) **Dois regras** que se assumem juntos:
 - a. aquilo que cada um comunica é acolhido sem que seja contradito, causando uma discussão.
 - b. aquilo que foi partilhado não é comentado com pessoas externas à comunidade.
- 8) **Um critério importante** a ter presente na comunicação é que se aquilo que gostaria de dizer ao confrade é movido pela minha raiva ou ressentimento para com ele, é melhor não lho dizer porque muito provavelmente a minha comunicação não será construtiva.

P. Siro Stocchetti
Roma, 10.10.2011

7. PROJETO PESSOAL DE VIDA

Para crescer na fidelidade

1. INTRODUÇÃO AO PROJETO PESSOAL DE VIDA

O projeto pessoal de vida (PPV) define os objetivos e os valores que a pessoa quer viver, e indica os passos e os meios eficazes necessários para que se tornem atitudes de vida.

Representa a bússola que orienta no caminho pessoal cuja meta é crescer na fidelidade criativa à vocação recebida do Senhor e, por conseguinte, na verdadeira realização de si, no pleno desenvolvimento e crescimento como: pessoa, consagrado e, para nós, como comboniano.

É um meio privilegiado de discernimento através do qual identificamos o «caminho» que Deus nos propõe e orientamos a nossa resposta no quotidiano da vida, rumo à maturidade que é a plenitude da estatura em Cristo (cf. Ef 4, 13). Por isso indica um caminho que deve ser percorrido com Quem no-lo indicou.

O PPV estimula em ordem a uma maior consciencialização da própria realidade pessoal e compromete mais profundamente na escolha de vida que foi feita. Responde a uma atitude pessoal com a qual se exprime aquilo que se quer fazer da própria vida.

É uma ajuda eficaz para interiorizar os valores.

Parte daquilo que a pessoa é realmente, onde se encontra (= Eu Atual) e daquilo com que se identifica, em direção aonde é chamada a caminhar (= Eu Ideal). Ao refletir sobre a realidade pessoal e sobre a orientação em direção ao futuro, manifesta a qualidade de vida a que se quer chegar como meta.

Não tem um caráter estático mas dinâmico. Não se prepara de uma vez por todas, mas é um projeto em permanente revisão.

Representa a expressão de uma nova atitude em direção a uma vida mais reflexiva, mais consciente e mais coerente.

Faz entrar e crescer numa mentalidade de «formação permanente» que faz da vida um processo contínuo de renovação, onde as situações pequenas e grandes, quotidianas e extraordinárias se tornam uma constante oportunidade de crescimento psico-espiritual.

Leva a uma tomada de consciência da responsabilidade que temos relativamente à nossa formação, que necessariamente deve ser permanente.

2. IMPORTÂNCIA E UTILIDADE DO PPV

Podemos identificar três tipos de motivações da utilidade e importância do PPV:

2.1 Antropológicas

Como seres humanos percecionamo-nos em construção, em caminho, num processo constante de mudança e transformação. Não somos uma realidade já acabada, e por isso estática, pelo contrário somos um projeto de vida que se vai concretizando passo a passo, através de uma série infinita de decisões pequenas e grandes.

O nosso interior é habitado por uma série de interrogações existenciais às quais procuramos dar resposta durante a nossa vida. O caminho de procura das respostas a tais interrogações e inquietações tece-se numa série de etapas, não necessariamente lineares, que exigem uma leitura atenta e de conjunto para compreender a trajetória seguida até ao momento presente e a direção para a qual aponta para continuar avançando.

2.2 Sociológicas

Na nossa sociedade pós-moderna, marcada pelo pluralismo e fluidez de opiniões sobre questões vitais e dada a dificuldade de encontrar grandes referências coletivas com as quais sentir-se plenamente identificados, torna-se mais urgente do que nunca a tarefa de construir convicções e atitudes próprias que ofereçam um quadro de significado e de referência que oriente a nossa vida.

Elaborar um PPV e tê-lo como referência para a nossa vida não é o modo de resolver as grandes interrogações existenciais da pessoa, nem o ingrediente essencial na construção da própria identidade, nem o modo de transformar-se no homem novo de que fala São Paulo.

É algo mais modesto, mas que, no nosso contexto sociocultural marcado pelo relativismo e pela provisoriade, se pode converter num instrumento de grande valor para avançar nos aspetos acima referidos. Por essa razão vale a pena conhecê-lo para o fazer próprio e propô-lo a outros.

2.3 Existenciais

Se observarmos as nossas trajetórias pessoais e sociais, podemos constatar que se produzem muitas mudanças sem que sejam expressão de uma vontade consciente que aconteçam. Ao mesmo tempo, temos a experiência de que quando deixámos as coisas correr de modo espontâneo, em muitas ocasiões ou não caminhámos, ou chegámos a um ponto indesejado.

No nosso processo de crescimento espiritual, podemos observar que se muitas coisas aconteceram sem ter feito nada para obtê-las, temos também de reconhecer que quando nos deixámos levar pelos acontecimentos, não crescemos ou movemo-nos numa outra direção e, inclusive, recuámos no nosso caminho.

Hoje em dia nenhum grupo humano que queira atingir os seus objetivos, o obterá sem elaborar um projeto ou um plano para atingi-los.

Individualmente não estamos muito habituados a funcionar deste modo, embora o façamos em aspetos particulares da nossa vida como programar o tempo para fazer um curso ou o número de horas semanais para fazer desporto. Mas parecer-nos-ia estranho programar toda a nossa vida a partir de um projeto pessoal.

2.4 Espirituais

Na vida espiritual de uma pessoa, supõe-se que interajam de modo simultâneo Deus e o indivíduo. Poderemos perguntar-nos: «para que planificar a minha vida, se Deus fará o que lhe parecer melhor!?».

Se alguém quer viver ativamente a sua existência, colaborador consciente da ação de Deus no seu processo de crescimento espiritual, terá maiores possibilidades de avançar se projeta e, periodicamente, revê a sua vida a partir da sua fé.

O PPV é um meio ou um instrumento que a pessoa utiliza para favorecer o crescimento espiritual, para avançar na sequela de Jesus

e na construção do Reino, através de um progressivo processo de integração da sua fé com a sua vida e a realidade em que vive, consciente de onde parte (o Eu atual) e para onde é chamado a dirigir-se (o Eu ideal) e que caminho utilizará para chegar à meta prefixada (os meios necessários).

O PPV é um instrumento, um meio e como tal deve ser considerado e utilizado. Muitos são aqueles que ao longo da história, através da sua vida de fé chegaram a ser aquilo que eram chamados a ser, santos, sem a ajuda de muitas mediações e instrumentos que hoje conhecemos e temos à nossa disposição. O Espírito de Deus sabe servir-se dos recursos disponíveis em cada momento e situação, para melhorar a nossa resposta à ação da graça em nós. Por outro lado, é preciso reconhecer que o PPV é uma ajuda considerável para qualquer pessoa, independentemente da idade que tenha.

3. O DESEJO QUE SUSTENTA O PPV

Uma lamúria que se ouve muitas vezes é a da dificuldade em perseverar no viver o PPV. O risco é que depois de um período mais ou menos longo, os compromissos assumidos no projecto de vida permaneçam letra morta. Entre as possíveis causas, uma pode ser a não integração e harmonia entre o desejo, a vontade e a decisão.

3.1 A relação entre o desejo, a vontade e a decisão

O desejo representa o motor, a energia, o impulso, a direção, o significado e o calor para a vontade. A vontade, por sua vez, encontra os meios e instrumentos necessários para a realização do desejo. A vontade leva à decisão, que, se é fruto de um bom discernimento, será concreta e realista.

Nesse sentido o desejo recebe forma e consistência da vontade, desaguando na decisão.

A vontade quando não é apoiada e alimentada pelo desejo, torna-se frio voluntarismo que consome muitas energias, e que não pode perseverar no tempo. O desejo sem a vontade, permanece vago, genérico, paralisado e estéril.

A integração e a harmonia entre o desejo, a vontade e a decisão representam os pilares do PPV, a motivação que lhe dá a necessária consistência para que efetivamente oriente a nossa vida.

3.2 O desejo que constitui o motor indispensável para a eficácia do PPV

Não é qualquer desejo que pode dar consistência ao PPV.

Deve ser o desejo de crescimento na verdade e na autenticidade, que frequentemente implica uma mudança na minha atitude perante a vida, para uma maior qualidade de vida. É o desejo profundo de viver:

- de modo mais consciente
- como sujeito responsável pela minha vida
- em harmonia com o projeto que Deus tem para mim
- com maior coerência com os valores evangélicos
- em fidelidade à vocação e missão recebidas do Senhor

Para receber e partilhar mais vida, na maior correspondência ao que Deus me chama a ser, única fonte de uma verdadeira eficácia apostólica.

Como se pode ver, a motivação profunda do desejo que dá consistência ao PPV não pode ser egocêntrica, mas teocêntrica, ou seja, o desejo de corresponder com fidelidade à vocação e missão que são dom de Deus, acolhendo a vida que ele quer comunicar (cf. Jo 10,10) para a partilhar com os outros.

O desejo de uma auto-transcendência egocêntrica (= a superação de mim mesmo) e filantrópica (= a doação aos outros), encontra a sua força somente na resposta ao amor de Deus (= auto-transcendência teocêntrica).

Determinante neste desejo é o anélito por «um mais» que indica a direção rumo a uma vida mais plena em Deus. É o «magis» de que fala Santo Inácio de Loyola nos seus exercícios espirituais. É a fidelidade à nossa vocação ontológica: amar e servir Deus, como é expressa no «Princípio e Fundamento» nos exercícios inicianos.

Sem este desejo forte e profundo, de uma mudança/crescimento na nossa vida, a vontade não encontra energia suficiente para levar por diante com coerência o PPV.

A situação ideal para que um desejo tenha a força que leva a uma mudança na própria vida é que a pessoa se sinta insatisfeita de como vive, isto representa uma energia que impele à mudança, e ao mesmo tempo que a pessoa se sinta atraída por aquilo que o Senhor lhe propõe (= os ideais e valores evangélicos, a própria vocação e missão, a

verdade no encontro conosco mesmos e com Ele, o encontro com o seu amor e misericórdia) isto representa uma força que atrai.

Quando é possível somar estas duas forças, a que impele e a que atrai, então o indivíduo encontra muito mais motivação e determinação para criar uma mudança em ordem a um crescimento maior na sua vida.

4. CARACTERÍSTICAS DE UM PPV EFICAZ

O PPV para poder ser eficaz deve ter estas características:

- 1) **Simples**, essencial e claro, por isso fácil de recordar e de pôr em prática.
 - 2) **Concreto**, isto é, preciso no definir os compromissos que quero assumir. Expressões do tipo: dar mais tempo à oração, fazer da eucaristia o centro da jornada, estar atento aos meus confrades de comunidade, ser mais responsável no meu ministério, fazer algum desporto, ser fiel à dieta, são tudo coisas bonitas, mas não suficientemente concretas e por isso vagas correndo o risco de não transformar-se em atitudes de vida.
 - 3) **Realista**, que possa ser vivido por mim na situação concreta em que me encontro. Um hora por dia de desporto é algo concreto, mas pode não ser realista porque não me é possível encontrar diariamente esse tempo para tal atividade. Uma hora de lectio divina por dia é também concreto, mas pode não ser possível visto o ritmo de vida que levo.
 - 4) **Abrangente** / holístico. Na medida do possível, deve dar atenção a todas as dimensões da pessoa, ainda que, de acordo com a situação que vivo, possa dar a algumas dimensões uma atenção particular e descuidar outras.
 - 5) **Dinâmico** porque pode e deve ser revisto, adaptado, alterado periodicamente e sempre que se sinta necessidade disso. O PPV acompanha as diversas etapas e situações da vida.
-

5. ELABORAÇÃO DO PPV

É útil elaborar o PPV com uma atitude de escuta e de acolhimento da vontade de Deus a meu respeito, de humilde súplica para receber das suas mãos este projeto como um dom seu, para ter uma vida mais plena e, assim, ajudar outros a ter mais vida.

Não se trata de inventar algo novo, mas identificar e acolher as moções e os apelos que Deus me comunicou durante a etapa da vida que estou a viver ou que acabei de viver.

Para tal não devo ter pressa, é uma tarefa que precisa de tempo. É necessário um clima de silêncio e de serenidade para poder encontrar as constantes da manifestação e comunicação de Deus, os seus convites centrais, porque mais recorrentes, que por ser centrais, não podem ser muitos.

É de grande ajuda poder rever as notas pessoais elaboradas durante a etapa da vida que estou a analisar. Identificadas as constantes da comunicação/convites de Deus, observo como iluminam a minha vida nas suas dimensões centrais e pergunto-me como posso de modo realista e concreto, acolher e viver no meu quotidiano a comunicação de Deus. Pouco a pouco vão-se delineando os elementos que constituirão o meu projeto de vida.

É fundamental o confronto com alguém que, pela experiência e pelo conhecimento que tem de mim, possa ajudar-me a identificar a comunicação do Senhor em relação a mim, para onde me quer conduzir.

O PPV torna-se vivo e dinâmico na nossa vida diária através da fidelidade à revisão do dia, como meio para um contínuo processo de crescimento pessoal, na relação com Deus e nas relações pessoais no interior e no exterior da minha comunidade e na missão que me está confiada.

Alguns textos evangélicos que podem iluminar o PPV: Mt 7, 24-27; Lc 14, 25-32.

6. INTRODUÇÃO AO ESQUEMA PARA A ELABORAÇÃO DO PPV

O esquema proposto considera a pessoa como um ser relacional, onde a relação do indivíduo consigo mesmo (1) e com Deus (2) representam o núcleo. Na relação consigo mesmo são especificados três aspetos: físico (1a), psicológico (1b) e intelectual (1c).

Em estreita relação com tal núcleo insere-se a relação com S. Daniel Comboni (3), nosso fundador, que, na comunhão dos santos, é uma pessoa viva com quem posso entrar em relação. Para um comboniano a relação com São Daniel não é um elemento marginal, mas determinante para a sua identidade, como o é para todos os religiosos a relação com o fundador do instituto/ordem a que pertencem.

O estímulo oferecido pelo PPV é o de passar de uma relação com o fundador apenas intelectual, de ideias e ideais, para uma relação que faça de São Daniel Comboni um pai que me acompanha no meu caminho, que intercede por mim e me ajuda a ser fiel à vocação recebida do Senhor.

A relação com São Daniel Comboni marca também a relação com a comunidade comboniana (4) e com a missão / ministério (5) e com os bens materiais (6).

O esquema de uma divisória vazia (7) que cada um pode utilizar para acrescentar aí uma outra relação/dimensão a que sente necessidade de dar uma atenção particular e por isso a integra no seu PPV, por exemplo: a relação com as mulheres, com a sua família, com os pobres, com os outros agentes da pastoral...

Para cada relação há duas colunas: na 1ª sou convidado a identificar, no âmbito da relação considerada, o convite central que sinto que me é dirigido por Deus neste momento da minha vida, na 2ª o compromisso concreto e realista que quero assumir, na dimensão considerada, em resposta ao convite que Deus me faz.

De facto, é esta última coluna que representa diretamente o PPV, a 1ª coluna representa a rocha sobre a qual construí-lo, enquanto plano de Deus para mim, para um maior crescimento humano-espiritual e maior eficácia apostólica.

7. ESQUEMA PARA O PPV

NA RELAÇÃO	O CONVITE que DEUS ME FAZ	O MEU COMPROMISSO concreto e realista
1. Comigo mesmo a) Na dimensão física: b) Na dimensão psicológica: c) Na dimensão intelectual:		
2. Com Deus		
3. Com S. Daniel Comboni		
4. Com a comunidade comboniana		
5. Com a missão		
6. Com os bens materiais		
7. Com...		

8. PREPARAÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PPV

Como preparação para o PPV pode ajudar responder às perguntas seguintes:

- 1) Qual poderia ser o símbolo ou a imagem que melhor exprime a experiência feita (que estou a fazer) durante este período da minha vida?
 - 2) Qual poderia ser o texto bíblico que melhor descreve o meu vivido neste período?
-

9. PASSOS NA ELABORAÇÃO DO PPV

1º passo: O ponto de partida para a elaboração do PPV é aquele que estou a viver, descobrindo aí a presença e a ação de Deus, como são as comunicações e os convites centrais que o Senhor me está a fazer neste momento da minha vida, para onde me quer conduzir.

Objetivo: identificar e enumerar as mensagens/convites centrais de Deus no meu vivido.

2º passo: Concretizar os convites de Deus nas relações que caracterizam a minha vida (primeira coluna do esquema do PPV).

Objetivo: tornar explícitos os convites que Deus me dirige nas minhas relações.

3º passo. Passar dos convites que Deus me faz à minha resposta, que para ser eficaz é definida em alguns compromissos realistas e concretos (segunda coluna do esquema do PPV).

Objetivo: formular a minha resposta ao convite de Deus.

4º passo: Pedir na oração durante alguns dias a confirmação da parte de Deus sobre o PPV que formalizei. Invocar o Espírito que me ilumine sugerindo-me possíveis alterações.

Objetivo: colocar nas mãos de Deus o meu PPV, expressão da nossa aliança (= sua e minha).

5º passo: Confrontar o PPV que formalizei com alguém em quem confio e que me conhece. O padre espiritual que me acompanha seria a pessoa mais indicada.

Objetivo: procurar uma maior objetividade para a eficácia do meu PPV, consciente de que sem um confronto, me posso enganar.

10. MOMENTOS DE REVISÃO DO PPV

Para ser dinâmico, o PPV deve ser revisto periodicamente. São momentos particularmente oportunos para rever o PPV:

- o retiro mensal
 - os exercícios espirituais anuais
 - depois de cada mudança significativa (de comunidade, de atividade...) e sempre que se sinta necessidade disso.
-

11. CONCLUSÃO

O projeto pessoal de vida como o próprio nome indica é uma iniciativa pessoal, onde o indivíduo é o autor na sua elaboração e o protagonista em vivê-lo com empenho e coerência. Isto não tira que o poder falar e refletir sobre ele em comunidade e poder partilhá-lo, pelo menos em parte, com os próprios confrades seria de grande ajuda. Nas comunidades onde existem as condições para isso, é bom dar esta dimensão comunitária ao PPV.

Este instrumento para o nosso crescimento humano e espiritual pode encontrar o seu «sinete» num mote, isto é, numa frase curta, fácil de recordar, que exprime o desejo profundo que anima a pessoa em assumir e viver este programa de vida em resposta ao desejo que Deus tem por ela. O mote, quando bem elaborado, dá ulterior força e consistência ao nosso PPV.

P. Siro Stocchetti

10.10.2011

Regra de Vida

MINISTÉRIO DO SUPERIOR

Superior

106. A autoridade ordinária reside na pessoa do superior que, em última análise, é responsável por toda a decisão. O exercício da autoridade baseia-se no princípio da subsidiariedade, requer responsabilidade, colaboração, respeito por todos os missionários e exprime-se especialmente no diálogo.

O ministério do Superior

107. O superior anima a comunidade e cada um dos seus membros na procura da vontade de Deus, na realização da sua consagração missionária e no crescimento da caridade. Ele exerce a autoridade com responsabilidade tanto ao tomar decisões, como ao cuidar da sua execução, sempre em conformidade com o fim do Instituto; além disso presta o seu serviço harmonizando os vários aspetos da vida comunitária e cuidando de cada missionário.

107.1 Com empenho, tato, sensibilidade e iniciativa, o superior procura ser vínculo de unidade ajudando cada missionário a superar as suas tendências individualistas e a falta de interesse pelos outros, e encorajando cada um a considerar os seus talentos como um bem a serviço dos outros. Ele respeita a competência daqueles a quem foi confiando um encargo específico.

107.2 O superior exerce uma função de guia para o bem da comunidade através de diretrizes que são da sua competência, consulta as pessoas interessadas e, na medida do possível, comunica os motivos das suas decisões.

107.3 O superior interessa-se a fim de que, possivelmente, todos tenham um encargo específico do qual se sintam pessoalmente responsáveis perante ele e a comunidade.

107.4 O superior tem a missão de favorecer um clima de fraternidade e colaboração com a igreja local.

Superior local

112. O superior local é nomeado pelo competente superior maior com o consenso do seu conselho, tem autoridade sobre os membros da comunidade que ele coordena e anima em espírito de serviço.
